

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de J. DA SILVA GRAÇA, Limit.ª

Dirétor: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

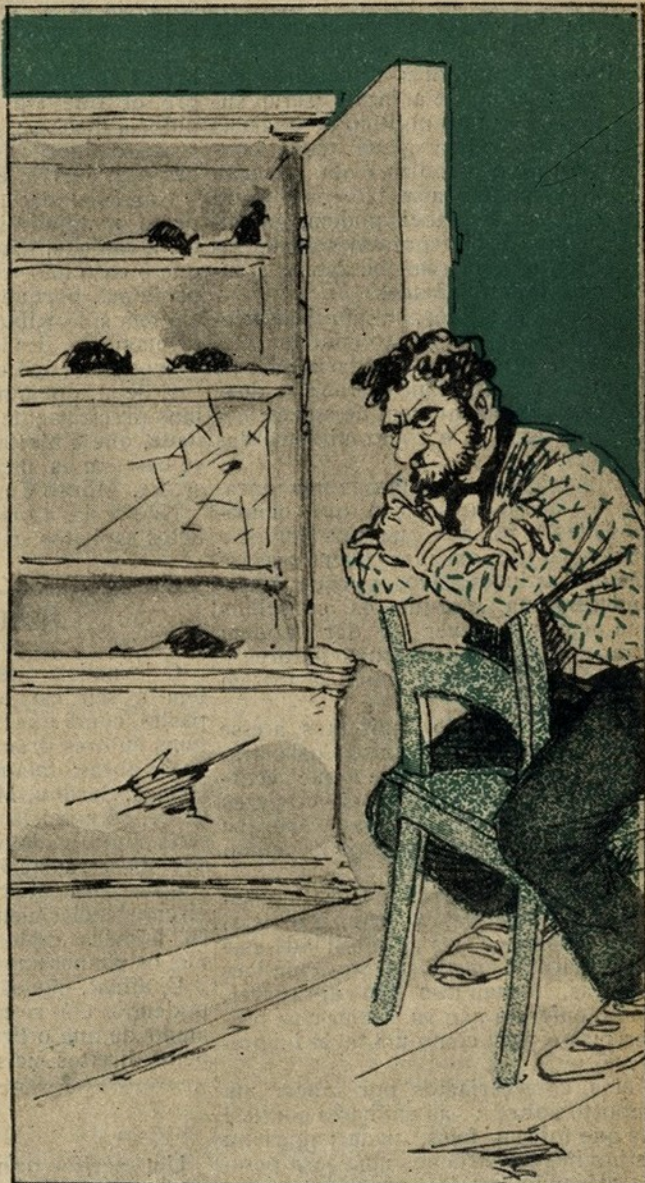
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SÉCULO, 43—LISBOA

### COMPARANDO

(Parodia á conhecida gravura hespanhola: Yo vendia a crédito...)



—Eu vendo o pão!



—E eu... compro-o!



## ECONOMIA DOS RICOS



No teatro.—Minha querida amiga: esse vestido é demastadamente decotado. Não leu nos jornaes que é preciso não escandalisar os pobres e fazer economias?

—Pois por isso é que o mandei fazer assim. Para poupar fazenda.



—Então agora andas sempre de automovel? Olha que a obrigação de todos é não gastar de mais.

—Bem sei; é por essa razão que ando de automovel, para não gastar calçado.



—O' minha senhora! com o preço por que está agora o açúcar e o pão, dar sopinhas de pão com açúcar ao Jolim!

—Pois sim, mas repara que é pão de 2.ª qualidade e açúcar de desanove vintens!

## PALESTRA AMENA

## As medidas financeiras

Anda toda a gente com o credo na boca, á hora em que escrevemos, assustada pelas medidas financeiras em gestação: serão de arrazar? serão suportáveis? No tino político de quem as elabora tem toda a gente plena confiança, mas o problema da salvação publica afigura-se tão complicado que os mais habéis podem, julgando que lhe encontram solução satisfatória, marcar-lhe apenas soluções indeterminadas.

Seja como fór, se não desejaríamos estar na pele do contribuinte, também nos não agradaria estar na do ministro das finanças, que é as duas coisas e duplamente tem de sofrer: como contribuinte e como ministro das finanças.

E imaginam também que nos agrada, por acaso, a posição que occupamos n'esta folha e que nos impõe a obrigação de orientar quem precisa das nossas luzes? Não, porque é melindrosissima, porque os conselhos que temos o dever de dar podem criar-nos inimigos n'alguns leitores — e a todos presamos como se fossem nossos filhos.

No entanto, não fugiremos a esse dever. Está o sr. dr. Afonso Costa atrapalhado porque não sabe a que recorrer para contrabalançar as despesas publicas feitas e por fazer? Não lhe faltará o nosso valioso auxilio, como de costume.

E' ainda o imposto o que aconselhamos. Repugna, á primeira vista, bem sabemos; mas a habilidade está em fabricar o medicamento com taes doçuras, tornando-o tão agradável, que o enfermo não só o tome com prazer, mas o peça como um favor inapreciavel.

Nós começariamos por lançar um imposto sobre... as mulheres bonitas! As que fossem feias, nada pagariam; ás bonitas lançariamos uma taxa pesada, devendo ser elas proprias as que se declarariam bonitas ou feias. Imaginam que alguma se eximiria ao imposto, por mais horrenda que a natureza a tivesse formado?

Outro: sobre os homens de talento, julgados por eles mesmos — entenda-se.

Quem ha n'este paiz que tivesse a coragem de se declarar tolo ou mesmo mediocremente inteligente?

Sobre os valentes, outra taxa; e sobre os conquistadores de mulheres, sobre os que «se governassem poriam tudo a direito»; os que resolvessem n'um segundo as mil dificuldades criadas pela guerra, etc.

Corresponderia tudo isto a um imposto incidindo isto n'uma coisa unica: a vaidade, não é assim? Mas olhem que o caso não constituiria novidade nenhuma, porque em todos os tempos ela tem sido tributada mais ou menos diretamente, desde os titulos nobiliarquicos ao artigo de luxo.

E de aí, quem nos diz que não estamos precisamente no caminho da verdade, que é n'esta ordem de idéas que se baseiam as medidas financeiras do sr. dr. Afonso Costa?

Não seria a primeira vez que dois belos espiritos se encontrassem.

José Neutral.

## Autores dramaticos

O jornalista que n'um jornal da noite tem a seu cargo a secção «De toda a parte», conta quaes as impressões d'alguns autores dramaticos na estreia das suas obras; fala-nos de George Sand, Dumas, Sardou, Meillac, Bataille, etc., isto é, só nos fala de francezes, quando seria muito mais curioso para nós que nos dissesse quaes as impressões dos autores dramaticos portuguezes, em circumstancias identicas, tanto mais que os homens estão aqui á mão e todos nós os conhecemos.

E, afinal, não são lá muito variadas, podendo até resumir-se n'uma só: o medo de que o Franco livreiro não dê pelos direitos mais de vinte mil réis.

## Ignorancia

Um escritor francez de nomeada dizia ha dias n'um artigo de jornal que Cristovão Colombo e Fernão de Magalhães eram hespanhoes.

Já era tempo dos francezes distinguirem os aliados dos neutraes!

## Inatacaveis

Foi ha dias condenado na Boa Hora, pelo juiz sr. Antonio Guerra, o cidadão Eduardo Ribeiro, porque chamou nomes feios a uns alemães que estavam hospedados no hotel Francfort, na ausencia dos mesmos.

Não comentaremos, não seguindo n'isso o exemplo dos jornaes que der am a noticia primitivamente. Limitamo-nos a recomendar aos leitores que não toquem nos boches nem mesmo com uma flôr!...

## Em desafio

D'esta vez o Jorge Manuel apanha-nos em maré. Aí vai o cartel de desafio, seguindo-se a respetiva resposta—mas não abuse.

A Acacio de Paiva

## O ESPERANTO

Não, tudo menos isso, o teu desprezo Não, Acacio, isso não, fui malcriado Por força de expressão; mas o culpado E' este genio mau que me arma em teso.

Suspensio do teu estro, estive preso, A e-pera do soneto improvisado, Muito tempo... Por fim... puz-me zangado. Mas o açolte, crê, que fol de peso.

Disseste que fui trouxo... A frouxidão Bem sabes que não está na nossa mão... Julguel que assim tive ses mais coragem...

Peça na birra, vá, põe-a no prego! Tu és um bom poeta, não o nego. Mas o Esperanto merece a homenagem!

JORGE MANUEL.

A Jorge Manuel

Tres sonetos recebo em desafio. Ou antes, um apenas, que o primeiro, E' ue foi um soneto verdadeiro. Acrêdor de resposta e de elogio.

O terceiro é então de tal feitio, Sobretudo no verso derrade ro, Que se ele tem ficado no tinteiro A causa auxiliava com ma s brío.

Analisado o caso imparcialmente Chego, pois, ao seguinte resultado E comigo é de crer que toda a gente:

O Esperanto é assunto tão safado Que transfo-ma um poeta inteligente N'um mau verseja-ador de pé quebrado.

A. DE P.



## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Zefa dun anjo.

Desta vez é dum drama paçado mêm in Pêras Ruivas que tanho de te falar. Cumo çabes u Afonço Gaio é noço patrissio; não ta lembra dele? dun pequerruxo que cando andava de fraldita i já cun munto respeit pellas letras purque nunca se cria alimpar ós jornaes?

Pois é ele ca gora iscrevea u *Cundenado* pró triatro Nassional, u cual *Cundenado* vem a cer aquela istoria ca i acunteseu du Ricardo matar o fidalgo do Soito pur môr da Maria i o Lendia dezer á justissa que foi ele o açacino. Pur cinal ca Maria, ós pois de inuiuvar du Ricardo, casou cun o Lendia i cumo toudos çabem in Pêras Ruivas é uma desenfeliz purque u marido deu em bebado, u cu Afonço Gaio nan çabe purque çaiu da i in piqueno i já le isqueseu munta coisa. Intão us trajes das çaxopas i dus homes dus arreidois de Leiria ção açim? as çaias que elas trazem ás costas ção daquela fazenda? cal é a familia que tem «mulher a dias»—i não mulher aos dias—canda pur casa cum aquele xapelinho que se usa em Cravide, Soito da Cranalhosa, Vieira, etc., mas não nus arreidois da Fatima i du Olival? I cal é u home que não anda cempre de pau, principalmente cando vai prás iscanmisadas? Canto á linguaje é touda puchada á çustansia, u que não é d-feito ninhum, mas quero eu dezer cun isto cus ispetadores que nos intervalis dus atos falavam em rejionalismo nan çabiam u que deziã. Izemplo: tu já a i ouviste dezer: «paçar uma noite im branco?» Não, pois não é açim? *Em claro* é que ce diz a i em touda a parte. Canto ós trajes e ás cacha...; isto é, ós paus, tamem não çará culpado u moço Afonço mas u O'gusto de Melo; intretanto é triste cus noços ótores ce não imponham ás imprezas e inçaiadores par não aver destas trapalhadas i oitras cu puvlico afinal atirbue cempre ós ótores, imbora injustamente.

I u desinpenho? préguntarás tu. Ai vai, por valores:

Inacio.....	14
Joaquim Costa.....	15
Melo...? (ninguem persebeu palavra du que ele dice).	
Pato Muniz.....	0
Lusinda.....	14
Palmira.....	14
Braga.....	5
Os oitros.....	6

devididos por todos.

Ora como as pessas ce fizeram pra cer bem desinpinhadas nan te poço dezer os valores que esta meresse. Isperemos pur outra, du noço Afonço, que não tem falta delas lá in casa, grassas a Deus, e isperemos que as oitras vão á cena cem cavalas, purque ce diz que encontra esta ouve uma grande cavala.

Tamem aconselhamos ó ótor que prá oitra vez ce dêche de introvistas nos priodicos in antes da pessa ce ar-



Afonso Gaio

Escrevo este soneto ao nosso Gaio Na vespera do dia assinalado Em que verei na cena o «Cundenado», Pela impressão, que leio, d'um ensaio.

Pois que as peças enganam como um raio Antes de se exibirem no tablado, Se o seu autor merece o vosso agrado Com antecipação elogíae-o.

E' o que faço, expondo a simpatia Que lhe consagro pelo verso e prosa Com que ele muita vez nos delicia.

Quanto á peça, se é boa ou duvidosa, O «Jerolmo» o dirá por outra via, Dando ou não dando a respetiva tosa.

BELMIRO.

repersintar. Olhe os jornalistas—de ambos us sequeços—são quaxe cempre uns amigos dus diabos.

Adeus, Zefa, natralmente. inté ó *Infante de Çagres*, du sr. Curtezão, u qual vamos a ver se u tem.

Teu ispouzo inté á ora da morte á mãe Jasus.

Jerolmo

Emprezar do Pau Itlama de Peras Ruivas

## Poetas com amantes

O sr. Mauricio Wilmotte, ilustre professor belga que veio ao nosso paiz com o fim de cimentar as relações entre os nossos intelectuaes e os de França, n'uma das suas belas conferencias citou como de grande talento um poeta belga e acrescentou que ele apezar de poeta não tinha amantes.

Foi o diabo esta indiscreta afirmativa. Não ha em Lisboa mulher de poeta, que, depois da leitura da conferencia, não tenha increpado violentamente o marido.

—Com que então todos os poetas teem amantes, hein?

Chegaram a esboçar-se até alguns divorcios, mas felizmente tudo acabou em bem, como era de esperar da sensatez das senhoras portuguezas. Racionando um pouco chegaram á conclusão de que um poeta mal tem dinheiro para sustentar uma mulher, quanto mais duas!

## livros, livrinhos e livrecos

**Agua morta**, por Nuno Simões. —A prova de que este livro, recentemente publicado, nos agrada e é bom, é a transcrição que em seguida fazemos, de alguns dos seus *Fogos fatuos*:

«A ausencia tem uma filha... E quando alguem parte leva-a comsigo. E diz quem fica que com ela fica. Sempre intima e dividida a dolorosa ilusão!

«Certas mulheres entregam-se por prazer. Cutras abandonam-se. E ha-as que recusam sempre. São as que mais amam o homem, porque d'ele afastam o tédio de havê-las possuido.

«O critico peor será o que não souber dizer bem. A sua obra não o contenta. Nunca poderá iludir-se.

«Sósinho no meu quarto penso que a felicidade nos corações é como o mar quando esculpe os buzios e se esquece dentro d'eles: fica lá para sempre e basta bulir-lhes para o despertar.»

## Medicina castrense

Os senhores hão de dizer que os importunamos demasiadamente com o Marques. Mas como pode deixar de ser assim se todas as semanas o diabo do homem diz alguma d'aquelas que nos ficaria mal não registrar?

A de hoje é a proposito da escola preparatoria de habilitação de medicos para o serviço do exercito. A mulher do Marques leu nos jornaes o projéto da criação d'essa escola, em noticias com o título «Escola de medicina castrense» e perguntou imediatamente ao sabio do marido:

—Porque lhe chamam medicina castrense?

Ele, sem hesitação:

—Porque é para castrar os alemães...

## DE FÓRA

## Efeito estrabico

N'uma clara manhã do claro abril E' que eu a vi, tão linda e tão singela. Passeava n'um Jardim as graças mil E era tanta a candura em seu perfil, Que senti meu amor nascer por ela.

Segu-a, pois, anciosamente e quando Emfim, parou, a meio do pomar. Lançou-me a furto, indefinido e brando, Como que os meus desejos animando, N'um getto da pupila, o seu olhar.

Logo eu supuz que a Joven do Jardim, Não vendo n'isso falta de decoro, Voltára o rosto e se fixára em mim Só por mostrar que se eu quizesse assim Não se importava de cntreter namoro.

Mas quando lá voltel pela tardinha E ela abriu da janela estreita nesga. Que decêção e que tristeza a minha! Imagnem vocês que a pobresinha Não revirara os olhos—era vêsga.

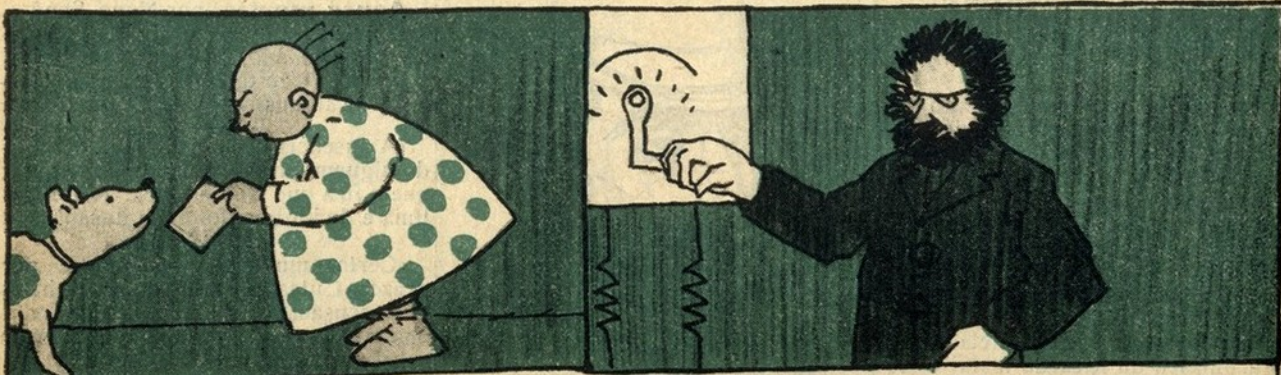
BRAMÃO D'ALMEIDA.

## Correspondencia

B. A.—Tenha paciencia: verbos em todas as rimas de uma estrofe é que não. Ha exemplos até em Camões, mas esse via mais alto do que nós. Quanto ao fillosofo que disse a fraze que cita deve ter sido o Cabelra. Capaz d'isso é ele.

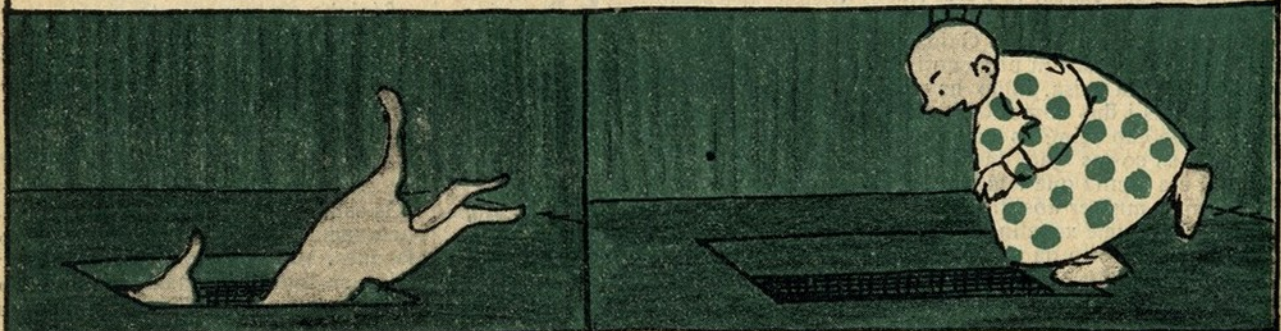


# Os chouriços voltam ao estado de cães



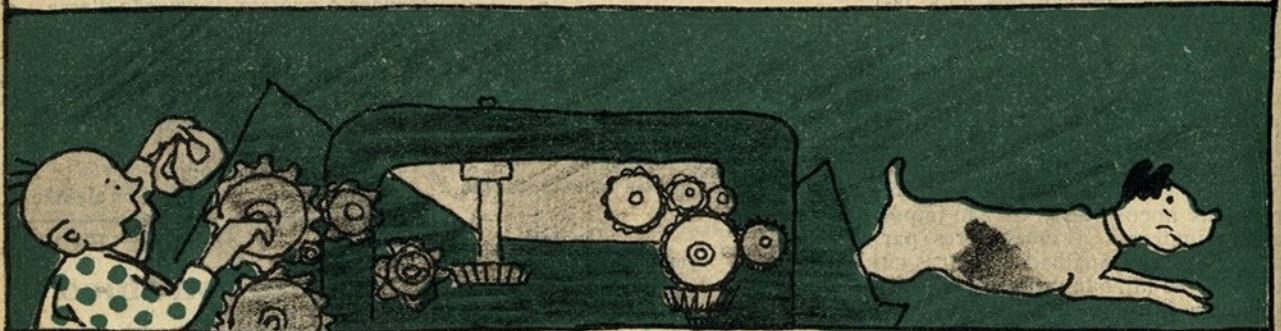
1.—Retirando gloriosamente de Inglaterra e libertado, enfim, o Piloto, o Manecas manda por ele um bilhete ao Quim, dizendo-lhe que em breve o irá libertar.

2.—Mas o chefe dos Mata-cães», que deu pelo caso, carrega em certa mola, fazendo abrir certo alçapão em certo corredor escuro.



3.—Por lá tinha de passar o Piloto, o qual, com a distração de quem mal não usa, vae pelo alçapão abaixo.

4.—Como o Manecas o segula, por pouco não se afunda igualmente. Mas como tem lume no olho, repara a tempo e tem uma idéa das suas.



5.—A qual é ir à maquina de tranformar cães em chouriços, introduzir os chouriços pelo lado da saída, dar à manivela em contrario e transformar os chouriços em cães!



6.—De longe, o chefe da quadrilha presente caozada resuscitada e temendo a justa vingança das vítimas, foge,

7.—não sem se avistar com o Quim, no calabouço, e sem lhe dizer que se o Manecas continua a persegui-lo o mata como quem mata uma pulga.